

A corrente elétrica da cultura: o Manifesto Regionalista e as novas tramas do regionalismo na canção popular brasileira^[1]

12/02/2005

Luiz Mousinho Magalhães*

A partir da segunda metade do século XIX, as mudanças processadas na economia a nível internacional teriam reflexos evidenciados no Brasil, determinando uma nova ordenação das forças produtivas. Isso definiria o novo perfil do país, com o eixo econômico se transferindo da então Região Norte, hoje Nordeste, para o chamado Centro-Sul, espaço classificado atualmente como Sudeste.

O fim da mão-de-obra escrava, a queda de preços do açúcar e do algodão no mercado internacional e a ascensão da economia cafeeira no Sudeste determinariam esse novo desenho do mapa do poder econômico nacional, trazendo reflexos para a produção intelectual e artística, o que se faria notar sobretudo no início do século XX. A face mais conhecida desse momento se cristaliza com a ocorrência, em São Paulo, da Semana de Arte Moderna de 22, assumindo a vanguarda artístico-intelectual. Por outra via, ocorreria em Recife o Primeiro Congresso Brasileiro de Regionalismo, que viria a expressar uma tentativa de soerguimento, no plano simbólico, do período de supremacia econômica da Região Nordeste.

De certa forma opondo-se ao Modernismo da Semana de 22, este Regionalismo tentava articular as combalidas forças da região, com a hegemonia perdida para o Centro-Sul, após quase três séculos de primazia. Na liderança desse movimento figuraria o sociólogo Gilberto Freyre, que traduziria esse momento de forma bastante expressiva em sua obra.

Porém, apesar do tom reivindicatório assumido em seu *Manifesto Regionalista* (Freyre, 1976), que enfeixa as idéias do movimento, Freyre não coloca de maneira clara os interesses que estão por trás dessa quebra-de-braço entre o Norte x Centro-Sul, envolvido que está com uma fração desses interesses, que chegam a eclipsar, em vários momentos, a validade de suas análises de uma situação de crise que não é assumida como tal.

O ideário regionalista

O “Movimento Regionalista, Tradicionalista e, a seu modo, Modernista do Recife” (Freyre, 1984, p. 12), como o classificou Gilberto Freyre, representou uma reorganização dos intelectuais da região, reorganização esta que adotava uma postura ao mesmo tempo reivindicatória e saudosista. Nesse momento, a nostalgia remetia ao apogeu das elites agrárias nordestinas e motivava o clamor por um reequilíbrio de forças que compensasse o poderio perdido.

No Manifesto Regionalista – escrito em 1952 por Gilberto Freyre, calcado em pronunciamento no Congresso Regionalista de 1926 e que sintetiza o ideário regionalista (D’Andrea, 1984, p. 19) -, fica clara essa intenção de reagrupamento de forças para ressuscitar valores do patriarcalismo açucareiro. Logo no início do manifesto, o autor faz questão de assinalar que o movimento não tem caráter separatista e segue os desígnios de uma nação destinada a se articular inter-regionalmente.

Freyre sustenta ainda que “somos um conjunto de regiões, antes de sermos uma coleção arbitrária de Estados” (Freyre, 1984, p. 56). Ressaltando uma suposta desorganização, fruto, a seu ver, do estadualismo, ele aponta os choques entre os Estados como uma ameaça à unidade nacional. Assim, procura justificar a necessidade da articulação inter-regional, em substituição ao sistema estadualista implantado pela

República Velha, onde predominava a política “café com leite”, com a alternância do poder se verificando entre estados da Região Sudeste.

A assunção de um suposto caráter “apolítico” do grupo regionalista, assinalado por Freyre ao frisar seu caráter não separatista, se mostra contraditória, conforme assinala Moema Selma D’Andrea, notando a atitude política assumida na postura de propor uma nova conformação para a União (D’Andrea, 1984, p. 14).

A organização estadualista é mostrada pelo sociólogo pernambucano como prejudicial e de difícil administração pela União, incapaz, entre outras coisas, de “conter os desmandos para-imperiais dos Estados grandes e ricos” (Freyre, 1984, p. 55). Abordando as motivações do Regionalismo Nordestino, a historiadora Rosa Godoy assinala o caráter de tomada de consciência nessa reação, partindo de grupos da região empenhados em manter seus interesses de classe, envolvidos em responder de alguma maneira à perda de poder que se processava.

“Sua resposta é a defesa de seus interesses, de seu espaço de produção, das relações sociais nele vigentes. Seu argumento é o de que um outro espaço lhes prejudicava os interesses, sem perceberem claramente a articulação do processo de produção a nível mais amplo, no quadro da divisão internacional do trabalho. A ideologia regionalista, tal como surge, é, portanto, a representação da crise na organização do espaço do grupo que a elabora. Uma fração açucareira da classe dominante brasileira, em vias de subordinação a uma outra fração hegemônica (comercial-cafeeira), se percebe no seu *locus* de produção e no relacionamento deste *locus* com outros espaços de produção, de forma predominante aquele da fração hegemônica” (Godoy, 1984, p. 17).

No Manifesto Regionalista a crise é ampliada para o espaço nacional e chega a ter sua causa situada de maneira xenófoba ao se aviar receitas para sua solução. Para o autor, “o caminho indicado pelo bom senso para a reorganização nacional parece ser o de dar-se, antes de tudo, atenção ao corpo do Brasil, vítima, desde que é nação, das estrangeirices que lhe tem sido impostas, sem nenhum respeito pelas peculiaridades e desigualdades da sua configuração física e social” (Freyre, 1984, p. 55).

Esse deslocamento da crise do âmbito nordestino para o contexto nacional não é meramente casual, conforme sustenta Carlos Guilherme Mota. Segundo Mota, “Freyre sente, registra, mascara a crise, a lenta perda de poder do grupo oligárquico a que pertence, identificando-a com uma crise nacional” (Mota, 1978, p. 72). O autor também percebe que “à perda de força social e política corresponderia uma revisão, à busca do tempo perdido” (Mota, 58).

O saudosismo que permeia o Manifesto Regionalista está assinalado na obra de Freyre em geral e marca os primeiros passos do autor em sua volta dos Estados Unidos, onde estudara. Ao pesquisar em jornais da época as pendengas entre o Regionalismo e o Modernismo no Pernambuco dos anos 20, Neroaldo Pontes de Azevedo acompanha, através de artigos de jornais, o mal-estar de Freyre ante o novo perfil da cidade de Recife, que aos poucos perdia os traços caracterizadores da fase áurea da economia açucareira na região, coisas dos tempos dos engenhos da sua infância e que correspondiam, na cidade, aos sobrados de azulejos, às ruas estreitas, à mesa farta.

Assim o sociólogo se entrega a uma verdadeira campanha pela manutenção da tradição, que vai desde a (feliz...) pregação contra a mudança de nomes de ruas e praças até uma absurda defesa do analfabetismo, “considerando-o útil porque exerce o papel de agente conservador” (Azevedo, 1984, p. 131), conforme revela Neroaldo Pontes.

O *Manifesto Regionalista* está embebido em um saudosismo que busca seduzir pelo paladar: a valorização da cozinha regional e a denúncia de sua crescente “descaracterização” vai simbolizar a queda do poderio nordestino. No texto, fica escamoteado o processo de desenvolvimento econômico do país, com uma industrialização emergente e evidente. Assim o autor lamenta – anacronicamente, o abandono do pilão, o esquecimento das tradições culinárias, a feitura de doces manualmente, o bordar pachorrentamente de redes e vestes.

A denúncia de tal crise das tradições culinárias particulariza a crise maior, ou melhor, serve como pretexto para o ocultamento da crise verdadeira, representada pela perda do domínio econômico e que se espalha e traduz a perda da soberania em todas as esferas.

“Toda essa tradição está em declínio ou, pelo menos, em crise, no Nordeste. E uma cozinha em crise significa uma civilização inteira em perigo: o perigo de descaracterizar-se” (Freyre, 1984, p. 72).

De temperos e comidas, raízes e costumes, só seriam validados os herdados de Portugal. O elemento português é louvado pela disposição “franciscana” em repartir com “irmãos pardos e negros” tal saber culinário (Freyre, 1984, p. 68). Dessa maneira, Gilberto Freyre legitima a colonização e aos portugueses livra da pecha de “alienígenas”.

Ainda falando de questões culinárias, fio condutor do manifesto, Gilberto Freyre vai retomar a questão da contribuição das diferentes raças para formação da cozinha brasileira. Aliás, já em *Casa Grande & Senzala* o autor ressaltava o papel decisivo do negro na formação do Brasil, sendo esse um dos aspectos mais elogiados de sua obra, juntamente com o uso de uma linguagem criativa e despojada, longe dos floreios da maioria dos estudiosos seus contemporâneos, conforme assinala Antonio Candido.

“Era justamente um intuito anticonvencional que nos parecia animar a composição libérrima de *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, com a sua franqueza no tratamento da vida sexual do patriarcalismo e a importância decisiva atribuída ao escravo na formação do nosso modo de ser mais íntimo. O jovem leitor de hoje não poderá talvez compreender, sobretudo em face dos rumos tomados posteriormente pelo seu autor, a força revolucionária, o impacto libertador que teve este grande livro” (Candido, 1977, XI).

Porém, a forma de valorização do negro em Freyre também já foi questionada por vários estudiosos. Para Carlos Guilherme Mota, o sociólogo pernambucano, tomando por base a obra de Franz Boas, carrega nas tintas e exagera na afirmação da existência de uma caracterização psicológica pré-existente em cada raça (“felizes pré-disposições de raça”), ingrediente bastante para se propor uma “convivência harmônica entre raças e classes” no Brasil (Mota, 1978, p. 62-63).

No *Manifesto Regionalista* tal harmonia tem assento na mesa onde repousam os quitutes a serem preservados, na troca de influências e receitas entre os povos formadores da riqueza culinárias brasileiras, com a indispensável contribuição do “português, sempre amigo das aventuras e dos descobrimentos, sempre franciscanamente disposto a confraternizar” (Freyre, 1984, p. 68). Para Moema Selma D’Andrea, “a indiferenciação racial de Gilberto Freyre foi apenas aparente. Ao “trazer” o negro e o índio como elementos valorizadores da cultura brasileira, ele diluiu a base escravocrata da família patriarcal açucareira numa convivência harmônica (D’Andrea, 1984, p. 13-14)”.

Outro dado problemático do *Manifesto Regionalista* é a folclorização do elemento popular, tematizado freqüentemente de formar reificante. A caracterização da baiana preta a vender doces em seu tabuleiro deixa evidente essa característica. Lembrando a

postura das doceiras o sociólogo as descreve como “monumentos”, verdadeiras “estátuas gigantescas de carne”, que, pela sua corpulência, pareciam se tornar “o centro da rua ou do pátio da igreja” (Freyre, 1984, p. 68-69).

O exotismo e a coisificação também estão presentes na esdrúxula proposta de que se instale na região “um café ou restaurante a que não falte cor local – umas palmeiras, umas gaiolas de papagaios, um caritó de guaiamum à porta e uma preta de fogareiro, fazendo grude ou tapioca” (Freyre, 1984, p. 73). Dissolvidas nesse exotismo, as figuras populares e os seus quitutes tradicionais parecem transformadas em macumba-para-turista-ver.

Os dotes das senhoras de engenho também são ressaltados como “símbolos da hospitalidade patriarcal”, isso “antes de o ‘cafezinho’ ter-se generalizado como sinal de cortesia ou boas-vindas” (Freyre, 1984, p. 67). A alusão discreta ao produto forte do Centro-Sul trai a consciência das novas posições das peças no jogo do poder. Há também, no plano interno, um claro ressentimento em relação a burguesia industrial, que tomara de assalto o mundo dos engenhos.

“Já quase não há casa, neste decadente nordeste de usineiros e de novos-ricos, onde aos dias de jejum se sucedam, como antigamente, vastas ceias de peixe de coco, de fritada de guaiamum, de pitu ou camarão, de cascos de caranguejo e empadas de siri preparados com pimenta” (Freyre, 1984, p. 70).

Por fim, outro aspecto controvertido do *Manifesto Regionalista* é a defesa do mocambo como moradia ideal para o pobre, tida como “valor pelo que representa da harmonização estética: a da construção humana com a natureza”. Gilberto Freyre defende que o problema dos mocambos está apenas na sua localização em áreas inóspitas, mas não reflete sobre os motivos de tal situação. Mais uma vez, ao invés de esclarecer, o autor obscurece e escamoteia os problemas inerentes às relações sociais, evitando ir à raiz das coisas e diluindo tudo no pitoresco. Tal mascaramento não escaparia à percepção do conterrâneo, contemporâneo e primo João Cabral de Melo Neto.

--“Todo o céu e a terra
Ihe cantam louvor
e cada casa se torna
num mocambo sedutor”

-- “Cada casebre se torna
no mocambo modelar
que tanto celebram
os sociólogos do lugar”

De tudo que vimos brevemente aqui, rastreando alguns dos estudiosos do regionalismo nordestino, podemos concluir que o Manifesto Regionalista sintetiza uma estratégia reivindicatória provocada pela situação de perda de hegemonia, em que grupos dominantes da Região Nordeste se reorganizam na tentativa de obter reconhecimento e nacos de poderes, em meio à perda da vanguarda econômica. Essa atitude permanece até nossos dias e freqüentemente é assumida pelos representantes das camadas dominantes da região.

De reconhecida importância para a sociologia e antropologia brasileiras, com sua reconhecida originalidade, a obra de Freyre deixou ainda traços fortes, por exemplo, na prosa regionalista de José Lins do Rego, autor de várias páginas de alta tensão estética e social, conforme assinala Sônia Ramalho (Bronzeado, 1988).

Da lama ao caos

Contradições à parte (ou não...), a forte identidade calcada em valores regionais tem sempre trazido possibilidades de renovação e singularidade. Na música popular do Nordeste em geral, isso vem sendo comprovado ao longo das últimas décadas.

Uma das manifestações mais recentes no campo dos movimento pop foi, e ainda é, o "Movimento Mangue", iniciado na década passada em Recife. Movimento que não se restringe à música pop, mas tem nela sua faceta mais evidente, nas batidas do *mangue-bit*. Ou *mangue-beat*, cujo diálogo ou ausência de diálogo – arenga mesmo, com o mestre Ariano Suassuna, traz traços sintomáticos das várias nuances e da complexidade desses lances de extração regional.

A partir dos anos 90, no som de bandas como Chico Science & Nação Zumbi e Mundo Livre SA, ritmos e temas regionais discutem muito mais o lastro de miséria escancarada, apontando os desastres recentes resultantes de um modelo de desenvolvimento pautado nas desigualdades violentas, na destruição dos sistemas ecológicos, nivelando gabirus, caranguejos, urubus, *rios pontes overdrives* – homens enfiados na lama - "*impressionantes esculturas de lama*". E *urubus mobilizados* (Neto, 1989, p. 13). Desenvolvimento traçado e travado na prosa gorda e inerte das "grandes famílias espirituais do Recife", para falar novamente com João Cabral de Melo Neto (Neto, 1989, p. 164).

E João Cabral é referência para o movimento no traçado da lama estopa ventosa – canais que entopem as artérias da cidade, numa crítica entranhada na linguagem e renovada por ela, desconstruindo um modelo social pautado pela desigualdade em graus insuportáveis e pela destruição ambiental. Nesse caso, parece estabelecida uma visada mais para Cabral que para Freyre, na percepção da insalubridade dos mocambos/palafitas, no escracho contra mascaramentos falseadores do cão sem penas, plumas, nada. "Da lama ao caos/ dos caos à lama / um homem roubado, nunca se engana".

Mas no mangue-beat, entram vários elementos vindos mesmo da tradição da MPB, sobretudo do tropicalismo, trazendo dados novos e diferenciais, na mistura entre hard-rock, coco, embolada, maracatu, hip-hop, etc. E mais, de olho em coisas como "quadrinhos, tv interativa, anti psiquiatria, Bezerra da Silva, Hip hop, midiotia, artismo, música de rua, Jonh Coltrane, acaso, sexo não virtual, conflitos étnicos e todos os avanços da química aplicada no terreno da alteração e expansão da consciência", como reza o manifesto do grupo.

A banda líder do Mangue beat, encabeçada por Chico Science, gravou dois discos com o cantor. Em "Da lama ao casos" e "Afrociberdelia", estão registrados contrastes e vitalidades sonoras regionais reprocessadas, reinventando-se uma sonoridade embebida no caldo de cultura pernambucano e da tradição da música popular brasileira – e aí a regravação de "Maracatu Atômico" (Nelson Jacobina / Jorge Mautner) é emblemática.

A tensão inventiva marcava o lugar de Science como um *Inventor*, para citar a expressão introduzida por Augusto de Campos na discussão da música brasileira (Campos, 1993). O conceito vem de Ezra Pound. Em sua tipologia de seis termos, dirigida ao campo literário, Pound assinala que os inventores seriam "homens que descobriram um novo processo ou cuja obra nos dá o primeiro exemplo conhecido de um processo". Por outro lado, os mestres seriam os que "combinaram um certo número de tais processos e que os usaram tão bem ou melhor que os inventores" (Pound, 1990, p. 42).

Science & Nação Zumbi procuraram retomar a veia regional por dentro, tomando os valores da cultura popular (maracatu, ciranda, etc) e misturando-os com sons do

mundo, mesclando o artesanal com alta tecnologia. Essa salada se propunha programaticamente a pensar a região e, mais especificamente, a cidade, em seu cenário de contrastes sociais, miséria, vias expressas modernas, manguezais destruídos, estagnação econômica. Nas letras e no som, foi construído o desejo de evidenciar os impasses da região e da cidade, sem espaço para pitorescos (...O Recife acordou/ com a mesma fedentina/ do dia anterior"). E, ao mesmo tempo, parecem ter sido sugeridas as possibilidades de geração de energias emancipadoras, movimentadas pela vibração da grande cidade.

A passagem de Science, morto em 1997, e a presença ainda hoje do mangubeat tem uma importância enorme na revalorização dos elementos da cultura popular. Isso intramuros, dentro do Nordeste, e no país como um todo. Obviamente que uma legião de pessoas que estuda o assunto nas universidades e fora delas, além das próprias comunidades que mantiveram ligação com sua tradição, mantinham acesa a presença desses papos, sons e danças. Porém o levar para a mídia e para o universo pop desses elementos teve entre sua maior contribuição relativamente recente a presença do mangubeat. E isso aponta para o reavivamento das tradições locais e o reencantamento da música feita para os veículos de massas, realizada pelo reencontro com seu veio mais rico. Também chega a representar politicamente um passo interessantíssimo, por propor a discussão do país sem escamoteação de suas dores e pela desconstrução do estigma que recai sobre o Nordeste. Isso num momento de etnocentrismos rondantes, trazendo à tona o que a região tem de melhor, sem fechamentos, nem xenofobia, o outro lado da moeda ante o preconceito – e o fascínio -- do sul/ sudeste.

Em anos um pouco mais recentes, ficou mais evidente o quanto um autor da esfera da canção popular de uma geração anterior ao mangubeat vem mantendo o tom das misturas, com dados seus bem particulares. Com um trunfo a mais contido na maneira extremada com a qual trabalha toda a tradição da música popular brasileira, de maneira apurada. Lenine é o autor. Vindo do super-fértil eixo musical Paraíba/ Pernambuco, ele já trazia um trabalho bem anterior ao mangu-beat e vem dosando de maneira extraordinária os elementos nordestinos, com o som das ruas da cidade do Rio de Janeiro, onde se radicou, além de vários elementos da cena mundial. Tudo isso muito maduramente filtrado pelas sonoridades brasileiras, entramadas em letras muito bem construídas por ele em parceria com Bráulio Tavares e Lula Queiroga, entre outros. O crítico Luís Antônio Giron chama Lenine de o maior compositor da MPB contemporânea e assinala que nele "a associação com o pop se dá nas profundezas do método e não representa aculturação ou distorção, como gostariam os xenófobos. (...) Ele postula a música brasileira, assimila o pop com rigor e apresenta um trabalho excepcional, organicamente concebido"

No encarte de um dos discos de Lenine, lê-se:

"Como toda pessoa é uma porta, cada canção é uma ponte de cordas de nylon, que só tem sentido se buscar o outro lado. A corrente elétrica da cultura é sempre em mão-dupla: tudo que vai, vem".

Além de Lenine, o movimento mangu mantém-se. Otto e Siba integram a cena pernambucana atual e dão inventiva e luxuosa contribuição, junto com vários outros. No nicho de maior abertura para o grande público, Elba e Zé Ramalho, ela a partir de "Leão do Norte" e ele a partir de um cd acústico que leva seu nome, voltaram a jogar forte com os elementos da sonoridade regional, alcançando momentos altos em suas carreiras e com uma dose de regional mais forte e determinada do que no início, quando fizeram pelo menos três ou quatro discos extremamente interessantes. O dedo do produtor Robertinho do Recife parece ter sido importante em ambos os casos, assim como a predisposição do público em buscar ouvir as riquezas da sonoridade regional, mesclada a elementos do mundo.

A Paraíba contemporânea também tem demonstrado vigor nas fusões musicais, com o grupo Jaguaribe Carne, liderado por Pedro Osmar, com Escurinho e com a Chico Corrêa Eletronic Band, além de vários outros.

Entre o manifesto de Freyre e a nova canção, vemos esferas distintas de aproveitamento da singularidade dos elementos regionais, da riqueza dos elementos populares. Aqui, no campo da canção e do ambiente pop, também nada limpo nem inocente da inevitável poluição ideológica, mas pautado esteticamente por um mergulho mais corajoso e ousado nas motivações e contradições dos dramas e promessas do veio regional. Aprofundando em sonoridades, nos gestos e na palavra cantada, um viés crítico-paródico, sem mascaramentos, inventivo ^[9].

Seguindo a trilha de João Cabral. Talvez sem perder de vista o melhor Gilberto Freyre, com sua indiscutível e original herança intelectual e a ampla capacidade interpretativa que nos legou através de sua obra. Os ventos poucos e a vista realmente curta do Manifesto Regionalista certamente não o excluem do caldeirão de sugestões que vem servindo para renovar, de maneira mais evidente, a música popular do Brasil. Ao contrário, as marcas identitárias sugeridas pelo elemento local, liberado de gorgulhos xenófobos e confinamentos, tais marcas têm sido tempero fundamental e um tremendo diferencial nesses novos lances criativos que sugerem uma promessa de felicidade estética na música brasileira.

Uma outra versão desse texto foi publicada na revista Cerrados, da Universidade de Brasília. Cf. A corrente elétrica da cultura – o manifesto regionalista e as novas tramas do regionalismo nordestino na canção popular brasileira. Revista Cerrados/ Publicação do Departamento de Teoria Literária da UNB. Ano 12; Brasília, 2003.p-91-102.

Ressalve-se que, embebido de saudosismo de classe ou não, os conselhos de Freyre sobre manutenção de nomes pitorescos de ruas e preservação do casario antigo, se tivessem sido aplicados, Pernambuco e o Brasil estariam em bem melhor estado em relação ao seu patrimônio histórico.

Da lama ao caos. No CD *Da lama ao caos* – Chico Science & Nação zumbi. Polygram 850.224/2-464476.

O manifesto intitula-se “Caranguejos com cérebro” está encartado em *Da lama ao caos*. É de autoria de Fred 04, líder da Banda Mundo Livre S.A., que situa o início do movimento em 91, na cidade de Recife, com a afirmação de um “núcleo de pesquisa e produção de idéias pop”.

A música havia sido gravada por Gilberto Gil e o próprio manguebit parece retomar várias das propostas programáticas tropicalistas.

No contexto dos anos 60, Augusto de Campos identificaria Chico Buarque como *Mestre* e Caetano Veloso como *Inventor*, demonstrado queda evidente pelos inventores.

Em uma noite de junho de 2003, a cirandeira Lia de Itamaracá cumpre em João Pessoa-PB mais uma etapa de turnê patrocinada pelo Sesc. No palco, com enorme banda, metais, percussão, etc – Lia encanta e faz a numerosa platéia dançar ciranda. O público é de todas as idades. A maioria é jovem.

Cf. <http://www.geocities.com/BourbonStreet/9713/lenine.html>

Deve-se levar em conta que os momentos históricos são completamente distintos e que tal canção se realiza num ambiente de trocas culturais tão inevitáveis quanto mais generalizadamente aceitas.

Referências

AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e Regionalismo – os anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura, 1984.

BRONZEADO, Sônia Lúcia Ramalho de Farias. “Messianismo e cangaço na ficção nordestina: análise dos romances Pedra Bonita e Cangaceiros, de José Lins do Rego, e A Pedra do Reino, de Ariano Suassuna” (doutorado em Literatura Brasileira). Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica, 1988.

CAMPOS, Augusto de. *Balanço da bossa e outras bossas*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

CANDIDO, Antonio. O significado de Raízes do Brasil. In : HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

D'ANDREA, Moema Selma, 1987. A percepção do declínio patriarcal e a ideologia nacionalista. In: O ideário regionalista-tradicionista e sua representação na literatura nordestina.1- A tradição re(des)coberta; o pensamento tradicionalista

de Gilberto Freyre no contexto das manifestações culturais e/ou literárias nordestinas. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 1987 (Dissertação de mestrado) (mimeo). Cap. 2.

D'ANDREA, Moema Selma. "A metáfora do açúcar" In: Presença literária. N° 6. João Pessoa, Secretaria de Educação, 1984.

FREYRE, Gilberto. *Manifesto Regionalista*. 6ªed. Recife, MEC – Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1976.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1978.

NETO, João Cabral de Melo. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

POUND, Ezra. *ABC de Poesia*. São Paulo: Cultrix, 1990.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. *O regionalismo nordestino*. São Paulo: Moderna, 1984.